

ECLÉA BOSI

*MEMÓRIA
E SOCIEDADE
Lembranças de velhos*

4ª edição



Capa:

Ettore Bottini

sobre retrato de d. Emma Strambi Frederico,
por Maureen Bisilliat

Preparação:

Stella Weiss

Revisão:

Carlos Alberto Inada

Eliana Antonioli

*As fotos são cortesia de
Ameris Paolini (autora das três fotos de idosos)*

Emma Strambi Frederico

Theresa Bosi

Dulce de Oliveira Carvalho

Miriam Lifchits Moreira Leite

Museu da Imagem e do Som (São Paulo)

Instituto de Psicologia da USP

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bosi, Ecléa

Memória e sociedade : lembranças de velhos / Ecléa
Bosi. — 3. ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 1994.

Bibliografia.

ISBN 85-7164-393-8

1. Memórias — Aspectos sociais 2. Psicologia social

I. Título.

94-1560

CDD-302

Índices para catálogo sistemático:

1. Memória : Aspectos sociais : Psicologia social 302

2. Memória e sociedade : Psicologia social 302

1995

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Tupi, 522

01233-000 — São Paulo — SP

Telefone: (011) 826-1822

Fax: (011) 826-5523

· OS ESPAÇOS DA MEMÓRIA

O sistema zuñi de conhecimento do universo divide o espaço em sete regiões: “Para falar apenas das estações e elementos, ao Norte são atribuídos o vento, o sopro, ou o ar, e, como estação, o inverno; ao Oeste, a água, a primavera, as brisas úmidas da primavera; ao Sul, o fogo e o verão; ao Leste, a terra, as sementes da terra, as geadas que amadurecem as sementes e perfazem o ano... A cada região é atribuída uma cor que a caracteriza. O Norte é amarelo porque, dizem, no levantar e pôr-do-sol a luz é amarela; o Oeste é azul por causa da luz azul que nós vemos quando o sol se deita. O Sul é vermelho porque é a região do verão e do fogo que é vermelho. O Leste é branco porque esta é a cor do dia. As regiões superiores são irisadas como os jogos da luz nas nuvens; as regiões inferiores são negras como as profundezas da terra. Quanto ao Meio, umbigo do mundo, representante de todas as regiões, ele tem de uma só vez todas as cores”.

Essa repartição do mundo é a mesma dos clãs no interior da aldeia; cada parte do *pueblo* tem a *cor* correspondente à sua região. Nas tribos australianas essa relação entre o clã e seu espaço é tão íntima que: “Por exemplo, um *wartwut*, vento quente, é enterrado com a cabeça voltada um pouco para o oeste do Norte, para a direção de onde o vento quente sopra sobre seu país.”⁴

Lévi-Strauss assinala o que acontece aos bororo quando obrigados a abandonar sua aldeia circular por casas paralelas: “Desorientados em relação aos pontos cardeais, privados do plano que fornece um argumento ao seu saber, os indígenas perdem rapidamente o senso das tradições, como se seus sistemas social e religioso (veremos que são indissociáveis) fossem complicados demais para dispensar o esquema que o plano da aldeia tornava patente e cujos contornos os seus gestos cotidianos refrescavam perpetuamente”.⁵

A casa materna é uma presença constante nas autobiografias. Nem sempre é a primeira casa que se conheceu, mas é aquela em que vivemos os momentos mais importantes da infância. Ela é o centro geométrico do mundo, a cidade cresce a partir dela, em todas as direções. Fixamos a casa com as dimensões que ela teve para nós e causa espanto a redução que sofre quando vamos revê-la com os olhos de adulto. Para enxergar as coisas nas suas antigas proporções, como posso tornar-me de novo criança? A pergunta já está no Evangelho. Algumas pessoas, em geral os artistas, guardaram essa possibilidade de remontar às fontes.

Charles Dickens observa em *David Copperfield*: “Creio que a memória da maioria dos homens guarda estampados os dias da meninice mais do que geralmente se acredita, do mesmo modo que creio na faculdade de observação sempre muito desenvolvida e exata das crianças. A maior parte dos homens feitos, que se notabilizaram por causa dessa faculdade, nada mais fizeram, segundo meu modo de pensar, senão conservá-la em vez de adquiri-la na sua madureza; e, o que poderá prová-lo, é que esses homens têm em geral frescor, vivacidade e serenidade, além de grande capacidade de agradar, que são também uma herança de sua infância”.⁶

O espaço da primeira infância pode não transpor os limites da casa materna, do quintal, de um pedaço de rua, de bairro. Seu espaço nos parece enorme, cheio de possibilidades de aventura. A janela que dá para um estreito canteiro abre-se para um jardim de sonho, o vão embaixo da escada é uma caverna para os dias de chuva.

Goethe confessa: “Quando queremos nos recordar do que nos aconteceu nos primeiros tempos de nossa infância, confundimos seguidamente o que escutamos dos outros com nossas próprias lembranças”. Ele descreve os aposentos que percorria com sua irmãzinha: “Ao lado da porta havia uma grande treliça de madeira pela qual nos comunicávamos diretamente com a rua e com o ar livre. Esta espécie de caixa era habitual em muitas casas. As mulheres sentavam-se ali para costurar e tricotar, a cozinheira aí descascava seus legumes, através da grade falava-se de uma casa vizinha à outra; isto dava às ruas na bela estação um aspecto meridional”.⁷ Só mais tarde ele se interessou pela rua, pela praça e mais tarde ainda pelos grandes eventos políticos que abalaram sua cidade, como a entrada de Frederico II em Saxe e na Silésia ou o tremor de terra em Lisboa.

A criança muito pequena pode ignorar que seu lar pertence a um mundo mais vasto. O espaço que ela vivencia, como o dos primitivos, é mítico, heterogêneo, habitado por influências mágicas. A mesa da família possui um lado onde é bom comer, o lado fasto onde senta-se mamãe e é agradável estar; no lado de lá, o retrato do tio-avô que me olha fixo, às vezes feroz, torna o lado nefasto onde eu recuso comida e choramingo. Tudo é tão penetrado de afetos, móveis, cantos, portas e desvãos, que mudar é perder uma parte de si mesmo; é deixar para trás lembranças que precisam desse ambiente para reviver. Para a criança que ainda não se relacionou com o mundo mais amplo, a mudança pode ter um caráter de ruptura e abandono. Tudo o que ela investiu dos primeiros afetos vai ser deixado para trás, vai ser disperso e dividido. Só quando aquele primeiro lar já não existe é que o adulto compreende que ele se situava num contexto que o transcendia, irrecuperável talvez pelo presente.

Há sempre uma casa privilegiada que podemos descrever bem, em geral a casa da infância ou a primeira casa dos recém-casados onde começou uma nova vida. Alguns detalhes chamam a atenção: o número de janelas que dão para a frente, as ruas eram gostosas de se ver, nem havia a preocupação de isolamento, como hoje, em que altos muros mantêm a privacidade e escondem a fachada. Então, janelas que dão para a rua são encarecidas e, naturalmente, o quintal para a criança e o porão.

“Naquela época faziam casas bem grandes, pé-direito alto, a nossa tinha quintal com pé de laranja, mixirica, ameixa e abacate” (sr. Ariosto).

“A casa dava para a rua, mas tinha quintal; lembro da sala, dos dormitórios... Na frente da casa passavam os vendedores de castanha, cantarolando. E o pizzaiolo com latas enormes, que era muito engraçado e vendia o produto dele cantando. As crianças iam atrás” (sr. Amadeu).

“Com doze [anos], me mudei para a rua Itatiaia, sabe onde é? Era a avenida Angélica. [...] A nossa casa era o 138, casa fininha com sete metros de frente, mas 150 de fundo, que dava para um ribeirão, lá no fundão, onde meu avô mandava a criançada pegar caiapiá pra pôr na pinga” (sr. Abel).

“Nossa casa era no largo Treze de Maio, com quatro janelas de frente: duas da sala de visita, duas do quarto de meus pais. [...] A casa era simples, modesta, meus pais eram de família pobre mas gostavam bastante de quintal; lá nós tínhamos uma cabra para dar leite. Essa casa foi derrubada muitos anos depois” (d. Jovina).

“A nossa casa era de tijolinhos vermelhos, seis janelas. As janelinhas do porão eram mais altas que a rua [...] Foi a casa que marcou nossa vida de tal forma que até hoje, em todo sonho, pesadelo que eu tenha, volto para lá e o meu sonho se passa todo lá [...] A casa já foi demolida. Há pouco tempo ainda entrei na casa, não subi, mas estive no portão. Que será que eu procuro lá?” O espaço de d. Brites é fechado por um portão de ferro, a fuga para um mundo de perigos é quase uma transgressão. “Quanta estripulíia a gente inventava! Pulávamos corda, jogávamos amarelinha, brincávamos de pegador que era o que eu mais gostava. Nosso portão estava sempre fechado [...] O porão era nosso reino: lá dentro patinávamos, brincávamos de pegador, de casinha. Ficávamos na janelinha bulindo com quem passava na rua, implicando com as meninas da vizinhança.”

D. Risoleta, o sr. Antônio, que passaram a infância na roça, descrevem sua casa prolongando-se até o rio, até o pasto, incluindo as plantações, o terreiro. A impressão que se tem da vida d. Risoleta é que, perdido o lar da infância, tudo se orienta para a posse de uma casa, de um lar que não seja o dos patrões, que é preciso defender a todo transe, cuja perda gera um impulso de morte e depois o ressurgir para uma luta sem tréguas pela conservação do teto. A casinha compridinha, baixa, onde foi morar depois de casada ainda existe e, mesmo cega, ainda procura vê-la: “Ainda vou sempre lá para ver essa casa. Agora já morreu tudo, já acabou tudo”. Talvez por isso aceite os agregados, que vão ficando ano após ano em sua casa, onde tudo é possível, menos uma palavra ríspida para o hóspede.

A casa que o sr. Humberto construiu para d. Alice “é uma casa de recordações porque meus filhos nasceram nela; é a casa da sua primeira comunhão, noivado, casamento... nossas bodas de prata... Tinha um pequeno jardim com roseiras. Tinha um portãozinho com uma trepadeira de jasmim brilhante e à noite, quem passava, sentia um perfume... A trepadeira cresceu até a janela do meu quarto. Pegado à parede eu tinha o jasmim-de-barcelona que dava como uma rosinha. O pai de nosso vizinho, toda vez que saía colhia um para pôr na lapela. No quintal tinha um pé de fruta-do-conde. A minha rua era calma, os vizinhos punham as cadeiras na calçada de tarde para conversar. As casas tinham quintal. Quando mudei para o Cambuci, minha rua tinha duas ou três casinhas, o resto era uma chácara. Ali se construiu a fábrica de elevadores Villares. Depois foram vindo outras casas, e depois as fábricas e os cortiços. Hoje, todas aquelas famílias já mudaram de lá... Outro dia, minha filha passou por lá e ficou namorando a casa, da calçada. Pintaram